

16 de abril de 1958

Seminário da quarta-feira de 16 de abril de 1958

$$\begin{array}{rcccl}
 d & \longrightarrow & \mathcal{S} & \diamond & a & \rightleftharpoons & i & (a) & \longleftarrow & m \\
 D & \longrightarrow & A & \diamond & d & \rightleftharpoons & s & (A) & \longleftarrow & I \\
 \mathcal{A} & \longrightarrow & \mathcal{S} & \diamond & D & \rightleftharpoons & S & (A) & \longleftarrow & \Phi
 \end{array}$$

Gostaria de trazê-los de volta à alguma apreensão primitiva concernente ao objeto de nossa experiência, isto é, o inconsciente, sendo, em suma, meu desígnio lhes mostrar o que a descoberta do inconsciente nos abre de vias e de possibilidades, mas também de não deixá-los esquecer o que esta descoberta representa de limites a nosso poder. Em outras palavras, lhes mostrar em que perspectiva, em que alameda se deixa entrever a possibilidade de uma normatização terapêutica. Mas não esqueçam, porque toda a experiência analítica está aqui para nos lembrar que esta normatização se choca com as contradições, com as antinomias internas, com toda e qualquer normatização na condição humana.

Não se pode deixar de ser surpreendido por um dos últimos artigos de Freud, aquele que foi traduzido impropriamente por *Análise terminável e interminável*, na realidade concernente ao finito ou ao infinito. Trata-se da análise na medida em que ela se termina ou deve ser situada numa espécie de alcance infinito. É disso que se trata, e a projeção ao infinito de seu alvo, Freud a designa da maneira mais clara, toda ao nível da experiência concreta, como ele diz, ou seja, que há irreduzibilidade, afinal de contas, para o homem no complexo de castração, para a mulher no *penis-neid*, isto é, numa certa relação fundamental com o falo. O que a análise, a descoberta freudiana em seu início, enfatizou? O desejo. O que Freud essencialmente descobre, o que apreendeu nos sintomas quaisquer que fossem, quer se tratassem de sintomas patológicos ou daquilo que interpretou no que apresentava até aquele momento de mais ou menos irreduzível na vida normal, a saber, o sonho, por exemplo, é sempre um desejo.

Muito mais. No sonho, por exemplo, ele não fala simplesmente de desejo, mas de cumprimento de desejo, e isto não deve deixar de nos surpreender, ou seja, que é precisamente no sonho que ele fala de satisfação de desejo. Ele indica por outro lado, que no próprio sintoma há algo que se parece com esta satisfação, mas me parece estar já estar bem marcado o caráter problemático desta satisfação posto que ela é uma satisfação pelo avesso.

Pois, aparece desde já na experiência que o desejo está ligado a algo que é sua própria aparência, e, para dizer a palavra, sua máscara. Que o laço estrito que o desejo tem, tal como ele se apresenta a nós na experiência analítica, com algo que o reveste de maneira problemática, nos solicita a nos determos sobre isso como sobre um problema essencial.

Sublinhei repetidas vezes a maneira pela qual o desejo, na medida em que aparece à consciência, se manifesta sob uma forma paradoxal na experiência analítica, ou melhor, o quanto a experiência analítica promoveu este caráter que é inerente ao desejo na medida em que desejo perverso é uma espécie de desejo ao segundo grau de gozo do desejo na qualidade de desejo.

De maneira geral, no conjunto, tudo quanto a análise nos permite perceber da função do desejo, não é que ela a descobre, mas ela nos mostra até que grau de profundidade é levado o fato de que o desejo humano não está de forma alguma implicado de maneira direta

16 de abril de 1958

numa relação pura e simples com o objeto que satisfaz, mas que está ligado a uma posição que o sujeito toma na presença deste objeto, a uma posição que o sujeito toma fora de sua relação com o objeto que faz com que nunca nada se esgote pura e simplesmente nesta relação ao objeto.

Por outro lado, a análise é feita para lembrar isto que é sempre conhecido, a saber, o caráter, de alguma forma vagabundo, escorregadio, inagarrável, escapando à síntese do *eu* [*moi*] que o desejo é, deixando a esta síntese do *eu*, que é de alguma forma a cada instante uma ilusão de síntese, uma ilusão de afirmação de síntese. Lembro que sempre eu sou quem deseja, e quem em mim não pode me agarrar senão na diversidade de seus desejos.

Através desta diversidade fenomenológica, se assim se pode dizer, através desta contradição, desta anomalia, desta aporia do desejo, é certo, por outro lado, que se manifesta uma relação mais profunda, uma relação do sujeito à vida, uma relação do sujeito, como se diz, a instintos, e por ter se situado nesta via também da análise que os progressos haviam feito na situação do sujeito em relação à sua posição de ser vivo. Mas justamente a análise nos ensina, nos faz experimentar através de interpretação das finalidades, dos alvos da vida, e talvez também aquilo que está além da vida, não sei qual teleologia dos primeiros fins vitais, o que Freud encarou como um *além do princípio do prazer*, a saber, os fins últimos aos quais a vida visaria, que é o retorno da morte. Tudo isso a análise nos permitiu, eu não digo, defini-lo, mas escrevê-lo. E na medida em que ela nos permitiu também acompanhar em seus caminhamentos o cumprimento de seus desejos.

Este desejo humano, em suas relações profundas, internas, ao desejo do outro, desde sempre foi entrevisto, e basta se referir ao primeiro capítulo da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel, para reencontrar as vias nas quais desde já uma reflexão suficientemente aprofundada poderia nos permitir começar esta pesquisa.

A novidade que Freud traz, esta originalidade, o fenômeno novo que nos permite lançar uma luz tão essencial sobre a natureza do desejo, na medida em que, ao contrário da via que Hegel segue em sua primeira abordagem do desejo que, naturalmente, está longe de ser uma via dedutiva, unicamente, como geralmente se crê, é uma tomada do desejo por intermédio das relações da consciência de si com a constituição da consciência de si no outro, e a interrogação, a questão se coloca: Como a própria dialética da vida pode se introduzir por este intermédio? O que certamente em Hegel só pode se traduzir por um tipo de salto que na ocasião ele chama de síntese.

A experiência freudiana nos mostra um outro caminhamento, e muito curiosamente, muito notavelmente também, pela via onde se apresenta o desejo enquanto muito profundamente ligado a esta relação ao outro como tal, e se apresentando, no entanto, como um desejo inconsciente.

É isto que convém recolocar no nível daquilo que, na experiência de Freud, foi a abordagem do desejo inconsciente.

Certamente isso é algo que devemos nos representar a nós mesmos, os primeiros tempos nos quais Freud encontrou esta experiência. Devemos nos representar, nós mesmos, neste caráter de surpreendente novidade, não diria de intuição, mas antes de adivinhação de algo que já se representa numa experiência humana, a de Freud, como algo que se apresenta como apreensão de algo que está além de uma máscara.

16 de abril de 1958

Agora que a psicanálise está constituída, podemos, agora que ela se desenvolveu num discurso tão amplo e tão mobilizador, podemos nos representar, mas nós nos representamos bastante mal o alcance daquilo que Freud trazia quando começava a ler nos sintomas de seus pacientes, em seus próprios sonhos, e quando começava a nos trazer esta noção de desejo inconsciente. É, aliás, o que nos falta para medirmos o justo valor do que se apresenta em Freud como interpretação. Somos sempre surpreendidos pelo caráter que nos aparece muito freqüentemente no que nós próprios nos permitimos de interpretação, e eu diria no que podemos e não podemos mais lhe permitir, como o caráter extraordinariamente intervencionista das interpretações de Freud. Pode-se até acrescentar, até um certo ponto, como o caráter oblíquo de suas interpretações. Não fiz mil vezes notar que no caso de Dora, por exemplo, a propósito de sua intervenção ou de suas intervenções na análise de uma homossexual da qual falamos longamente aqui, o quanto as interpretações de Freud - e Freud o reconhece aqui - estavam como que ligadas a seu incompleto conhecimento da psicologia, por exemplo, dos homossexuais em geral? O quanto esta interpretação oblíqua, o quanto esta interpretação ligada a um conhecimento insuficiente que Freud naquele momento tinha da psicologia, muito especialmente dos homossexuais, mas também dos histéricos, é algo, pois, que faz com que para nós, as interpretações de Freud, em mais de um caso, se apresentem com um caráter ao mesmo tempo diretivo demais e quase forçado, com um caráter precipitado que dá efetivamente a este termo de interpretação oblíqua, seu pleno valor.

No entanto, é certo que estas interpretações eram, naquele momento, o que se apresentava como interpretação, devendo ser feita até um certo ponto. A interpretação eficaz para a resolução do sintoma, o que quer dizer?

Evidentemente, isto coloca um problema e, para começar a entendê-lo, é preciso considerar que quando Freud fazia interpretações desta ordem, ele estava frente a uma situação toda diferente da situação atual. É preciso, literalmente, realizar que, tudo quanto numa interpretação-veredito sai da boca do analista, na medida em que há aí interpretação propriamente falando, este veredito, aquilo que é dito proposto, dado por verdadeiro, toma, na ocasião, seu valor daquilo que não é dito. Quero dizer, sobre que fundo de não-dito se propõe a interpretação?

No tempo em que Freud fazia suas interpretações à Dora, quando ele lhe dizia que ela amava o Sr. K., por exemplo, quando lhe dizia sem rodeios que era com ele que normalmente ela devia refazer sua vida, há aí algo que nos surpreende, pois evidentemente não poderia se tratar disto, pelas melhores razões, a saber, que afinal de contas, Dora não queria saber nada disso. No entanto, uma interpretação desta ordem, no momento em que Freud a fez, se apresentou sobre o fundo de algo que, por parte do sujeito, da paciente, de Dora, não comportou espécie alguma de presunção que Freud esteja lá para retificar, se assim se pode dizer, sua apreensão do mundo, para fazer com que algo nela seja levado à maturidade de sua relação de objeto. Nada ainda alcançou o que poderia ser chamado de uma espécie de ambiente cultural que faça com que o sujeito espere da boca do analista outra coisa. Na verdade Dora não sabia o que a aguardava, ela é conduzida pela mão, e Freud lhe diz: *Fale!* E nada diferente aparece no horizonte de uma experiência assim dirigida, a não ser pelo fato único, implicitamente, de que ela deve falar, que de fato deve haver algo em jogo, da ordem da verdade. A situação está longe de ser semelhante para nós, onde o sujeito vem, se assim se pode dizer, à análise, já com a noção de que a maturação da personalidade, dos instintos, da relação de objeto é algo que está já organizado, normatizado, cuja análise representa de certa forma, a medida. Ele é detentor

16 de abril de 1958

das vias e dos segredos de algo que desde já se apresenta como uma rede de relações, se não conhecidas todas pelo sujeito, pelo menos cujas grandes linhas lhe chegam, pelo menos nesta noção que tem das grandes linhas, que um progresso deve ser cumprido, que paradas em seu desenvolvimento são algo concebível. Em resumo, que todo um fundo, toda uma implicação concernente à normatização de sua pessoa, de seus instintos, implica que o analista, quando intervém, intervenha em posição, como se diz, de julgamento, de sanção. Há uma palavra mais precisa ainda, que usaremos mais tarde.

Certamente, isto dá um alcance todo diferente à sua interpretação. Mas, para entender bem aquilo de que se trata quando falo do desejo inconsciente da descoberta freudiana, é preciso voltar a estes tempos de frescor onde nada estava implicado da interpretação do analista, a não ser esta detecção no imediato, atrás de algo que se apresenta, paradoxalmente, como algo absolutamente fechado, algo que está além, e todos aqui se deleitam com o termo *sentido*. Eu não creio que o termo sentido seja outra coisa senão uma espécie de enfraquecimento de que se trata na origem.

O termo desejo, enquanto tem a oportunidade de enlaçar, de juntar o idêntico ao sujeito, dá todo seu alcance ao que se encontra nesta primeira apreensão da experiência analítica, e é sobre isso que convém voltarmos, se devemos tentar juntar ao mesmo tempo o ponto a que chegamos e aquilo que significa essencialmente, não só nossa experiência, mas suas possibilidades. Quero dizer, o que a torna possível, o que deve nos guardar de cair nesta declividade, nesta inclinação, eu quase diria nesta armadilha em que nós mesmos estamos implicados com o paciente que introduzimos nesta experiência de supostos, de induzi-lo numa via que, de certa forma, repousaria sobre um certo número de petições de princípio, quero dizer, sobre a idéia que, afinal de contas uma solução última possa ser dada à sua condição que lhe permita, enfim, se tornar, digamos a palavra, inteiramente idêntico a um objeto qualquer.

Voltemos, pois, a este caráter problemático do desejo tal como se apresenta na experiência analítica, isto é, no sintoma, o sintoma qualquer que seja. Chamo aqui sintoma em seu sentido mais geral, tanto o sintoma mórbido quanto o sonho, quanto qualquer coisa analisável. O que chamo de sintoma é o que é analisável.

O sintoma se apresenta, digamos, sob uma máscara, sob uma forma paradoxal. A dor das primeiras históricas que Freud analisa, eis algo que se apresenta primeiro de maneira completamente fechada, aparentemente, e algo que Freud, aos poucos, com uma espécie de paciência que pode ser inspirada por uma espécie de instinto de rastreador, traz como algo que é a longa presença que esta paciente teve perto de seu pai doente, e a incidência, enquanto cuidava de seu pai, de algo diferente que ele entrevê primeiro numa espécie de névoa, a saber, o desejo que naquele momento podia ligá-la a um de seus amigos de infância do qual ela esperava, digamos, fazer seu esposo, e depois, de algo que se apresenta também sob uma forma mal desvendada, a saber, de suas relações com ambos os seus cunhados, isto é, duas personagens que desposaram respectivamente duas de suas irmãs, e cuja análise nos faz entrever que sob formas diversas, eles representaram para ela algo importante: um deles era detestado por não sei qual indignidade, qual grosseria; o outro, pelo contrário, parece, digamos, tê-la infinitamente seduzido. Parece, com efeito, que o sintoma se precipitou em torno de um certo número de encontros e de uma espécie de meditação oblíqua em torno das relações, por sinal muito felizes, deste cunhado com uma de suas irmãs, mais jovem.

Volto a isso para fixar as idéias numa espécie de exemplo.

16 de abril de 1958

É claro que naquele momento estávamos numa época primitiva da experiência analítica e sentimos agora, que após todas as experiências que foram feitas depois, o fato de dizer, como Freud não deixou de fazê-lo, de dizer à paciente que estava, por exemplo, puramente, no último destes casos, pura e simplesmente amorosa de seu cunhado, é em torno deste desejo reprimido que se cristalizou o sintoma, nomeadamente, na oportunidade, na dor da perna. Sentimos bem, sabemos que numa histérica isto tem algo de exatamente tão forçado quanto ter dito à Dora que estava amorosa do Sr. K.

O que vemos quando nos aproximamos de uma observação como essa, é que tocamos, e Freud o exprime, esta visão de mais alto que lhes proponho. Nem é tão necessário subverter a observação de Freud para se conseguir isso, pois, sem que Freud o formule assim, o diagnostique, o discirna, ele dá disso todos os elementos da maneira mais clara. Eu diria até que, até certo ponto, a composição de sua observação o deixa aparecer além das palavras que articula em seus parágrafos de uma maneira ainda mais infinitamente convincente que aquilo que diz, pois o que ele vai destacar, pôr em relevo? Ele vai pôr em relevo precisamente a propósito da experiência de Elizabeth von R., aquilo que, pelo que diz e por sua experiência, liga em muitos casos a aparição dos sintomas histéricos a esta experiência tão rude em si, de ser toda devoção a serviço de um doente, de fazer o papel de enfermeira, e mais ainda, o alcance que toma esta função quando o papel da enfermeira é assumido por um sujeito para com um de seus parentes, isto é, onde, ainda mais pelas leis da afeição, da paixão que liga o cuidador ao cuidado, o sujeito se encontra em posição de dever satisfazer mais que em nenhuma outra oportunidade, àquilo que lá se pode designar, com o máximo de ênfase, como a demanda.

A inteira submissão, até, a abnegação do sujeito em relação à demanda que lhe é proposta, está verdadeiramente dada por Freud como uma das condições essenciais da situação na medida em que, na oportunidade, ela se assevera histerógena.

Isto é tanto mais importante que nesta histérica, ao contrário de outras que ele também dá como exemplo, os antecedentes, tanto pessoais quanto familiares, neste sentido são extraordinariamente evasivos, pouco acentuados e conseqüentemente, o termo aqui de histerógeno toma todo seu alcance. Aliás, Freud dá toda indicação disso.

Por outro lado, a coisa que podemos correlativamente a esta condição à qual o termo que isolo aqui na mediana destas três fórmulas: função da demanda, diremos é em função desta posição de fundo que o algo de que se trata, e que Freud aqui não está certo, se se pode dizer isto, é que levado, de alguma forma, pelas necessidades da linguagem, a orientar de maneira prematura, pôr o sujeito, implicar o sujeito de maneira definida demais nesta situação de desejo. Aquilo de que se trata é antes de mais nada, do interesse tomado pelo sujeito numa situação de desejo, é um interesse que está tomado - não podemos dizer, posto que é uma histérica e que agora que sabemos o que é uma histérica - não podemos dizer completamente, por qualquer lado que seja que ela o tome, se aliás já dizer de que lado ela o toma, já é implicar, se assim se pode dizer, numa relação inteira, que ela se interessa por seu cunhado do ponto de vista de sua irmã, ou a sua irmã do ponto de vista de seu cunhado. É precisamente agora que sabemos que o que pode subsistir de maneira correlativa da identificação da histérica, aqui é duplo. Digamos que ela se interessa, que está implicada na situação de desejo, e é isso que está essencialmente representado aqui por um sintoma que reconduz à noção de máscara traz novamente.

16 de abril de 1958

A noção de máscara, isto é, que este desejo sob esta forma ambígua não nos permite justamente orientar o sujeito em relação a tal ou tal objeto da situação, sendo este interesse do sujeito na situação como tal, isto é, na relação de desejo que é exprimido por este algo que aparece, isto é, o que eu chamo de elemento de máscara do sintoma, e está ao menos na observação de Freud. Freud que nos ensina e que diz que o sintoma fala na sessão, o *isso fala* de que eu falo sem parar, ele está aqui desde as primeiras articulações de Freud, expresso no texto. Mais tarde ele disse que os burburinhos gasosos de seus pacientes vinham se fazer ouvir e falar na sessão, e tinham uma significação de palavras.

Mas o que ele diz aqui é que as dores, na medida em que reaparecem, se acentuam, se tornam mais intoleráveis na própria sessão, fazem parte do discurso do sujeito. Ele mede pelo tom, pela modulação do sujeito, o grau de excitação, de alcance, de valor revelador daquilo que o sujeito está confessando, soltando na sessão, o traço e a direção deste traço, e a direção centrípeta. O progresso da análise é medido por Freud pela própria modulação, pela própria intensidade da maneira com que o sujeito indica durante a sessão, uma maior ou menor intensificação de seu sintoma.

Direi, já que nos encontramos aqui, que tomei este exemplo, como poderia tomar outros. Poderia tomar o exemplo de um sonho diante de algo que nos permite centrar o problema do sintoma e do desejo inconsciente, do laço do próprio desejo na medida em que o próprio desejo permanece um ponto de interrogação, um *X*, um enigma, com o sintoma de que se reveste, isto é, a máscara. Permitir em suma, formular isto: Dizem que o sintoma, enquanto inconsciente, é algo que fala em si mesmo, até um certo ponto, e se pode dizer com Freud, e com Freud desde a origem, que ele se articula. O sintoma é, pois, algo que vai no sentido do reconhecimento do desejo, mas este sintoma, na medida em que está presente para fazer reconhecer o desejo, antes mesmo da chegada de Freud e de toda a leva de seus discípulos, os analistas, é um reconhecimento que tende a se mostrar, que procura saber, mas precisamente porque ele nasce, ele só se manifesta pela criação daquilo que chamamos de máscara, isto é, de algo fechado, este reconhecimento do desejo é um reconhecimento por ninguém, não visa ninguém, já que ninguém, até aprender a ler a chave, não pode lê-lo. É essencialmente um reconhecimento que se apresenta sob uma forma fechada ao outro, reconhecimento do desejo, pois, mas reconhecimento por ninguém.

Por outro lado, se é desejo de reconhecimento como tal, é outra coisa que não o desejo. Por sinal, dizem que é um desejo recalcado. É por isso que nossa intervenção acrescenta algo à simples leitura. Este desejo é um desejo que o sujeito exclui na medida em que o sujeito quer fazê-lo reconhecer como um desejo de reconhecimento. É um desejo, talvez, mas afinal de contas, um desejo de nada. É um desejo que não está presente, que está rejeitado, excluído.

É este duplo caráter do desejo inconsciente que, ao identificá-lo com sua máscara, faz dele outra coisa que não o que quer que seja que esteja dirigido para um objeto, é o que nunca devemos esquecer, é o que nos permite literalmente ler o sentido daquilo que nos é apresentado como sendo a dimensão analítica de uma indicação das descobertas mais essenciais, quando Freud nos fala deste rebaixamento, deste da vida amorosa que participa no fundo do complexo de Édipo, quando nos fala do desejo da mãe como estando no princípio disto para certos sujeitos, aqueles precisamente dos quais diz-se que não abandonaram o objeto incestuoso, isto é, a mãe. Enfim, que não o têm suficientemente abandonado, pois afinal de contas, o que aprendemos é que o sujeito nunca o abandona completamente.

16 de abril de 1958

Evidentemente, deve haver algo que corresponda a este mais ou menos de abandono, e nós o chamamos de diagnóstico-fixação à mãe. É o caso onde Freud nos apresenta a dissociação entre o amor e o desejo. São, diz Freud, sujeitos que não podem imaginar abordar uma mulher, na medida em que para eles, ela goza de seu pleno, inteiro estatuto de ser amável, de ser humano, de ser no sentido pleno, acabado, que este ser tem, dizem, e pode dar, e se dar.

Não há desejo e posto que o objeto está presente, sob uma máscara, pois não é à mãe que se dirige o desejo, é à mulher que lhe sucede, que toma seu lugar, e justamente não há mais desejo.

Por outro lado, diz Freud, o sujeito encontrará o desejo, ou com prostitutas, e o que quer dizer isso? Evidentemente quando estamos aqui nesta espécie de primeira exploração das trevas dos mistérios do desejo, dizemos: é na medida em que é justamente todo o oposto da mãe.

Será que isso basta plenamente? Porque, que isso seja todo o oposto da mãe, que justamente ele possa subordiná-lo, temos desde então feito bastante progresso no conhecimento das imagens, dos fantasmas do inconsciente e de seus caracteres, para saber o que o sujeito vai buscar nas prostitutas nesta ocasião, e que não é outra coisa que não o que a Antigüidade romana nos mostrava esculpida e representada à porta dos bordéis, isto é, o falo, o falo na qualidade daquilo que habita a prostituta.

Sabemos agora que o que o sujeito vai buscar na prostituta é o falo de todos os outros homens, é o falo como tal, é o falo anônimo. É algo também que é, para dizer tudo, sob uma forma enigmática, uma máscara, algo problemático, algo que liga o desejo a um objeto privilegiado, com algo que está aqui numa certa relação no sentido no qual temos por demais aprendido a ver a importância da fase fálica, de seus desfiladeiros por onde é preciso que passe a fase subjetiva, para que o sujeito possa alcançar seu desejo natural.

Em resumo, nos encontramos, a propósito do que chamamos nesta ocasião de o desejo da mãe, que é aqui uma espécie de etiqueta, de designação simbólica de algo que constatamos nos fatos, a saber, a promoção correlativa e fragmentada do objeto do desejo em duas metades irreconciliáveis. O que nesta ocasião e em nossa própria oportunidade, pode se propor como sendo seu objeto, a saber, o objeto substitutivo, a mulher, na medida em que ela é herdeira da função da mãe, encontrando-se despojada, frustrada do elemento do desejo, sendo o próprio elemento do desejo ligado a outra coisa extraordinariamente problemática, e que se apresenta também com um caráter de máscara e de marca, com um caráter, digamos a palavra, de significante, como se justamente nos encontrássemos, desde que se trata das relações de desejo inconsciente, na presença de um mecanismo necessário, de uma *Spaltung* necessária que faz com que o desejo, que desde há muito sabíamos, que presumíamos estar alienado numa relação ao outro completamente especial, se apresente aqui, não marcado pela necessidade deste intermédio ao outro como tal, mas, neste intermédio ao outro pela marca de um significante especial, de um significante eleito que aqui é a via necessária onde deve aderir, se assim se pode dizer, o caminhar da força vital, na ocasião, do desejo, e o caráter problemático deste significante particular, na ocasião, o falo. Aí é que está a questão, isso é o que está proposto a nós por todas as dificuldades que introduz para nós a concepção, o próprio fato de poder conceber como ocorre que encontremos sobre as vias de maturação, como se diz, genital, este obstáculo que não é simplesmente um obstáculo, que é um desfiladeiro essencial que faz com que seja

16 de abril de 1958

por intermédio de uma certa posição tomada em relação ao falo para a mulher, enquanto falta para o homem, enquanto ameaçado, que se realize de maneira necessária o que se apresenta como devendo ser, digamos, o resultado mais feliz.

Pois o que vemos aqui, é que intervindo, denominando algo, fazemos sempre mais. O que quer que seja que façamos, que pensemos fazer, interpretando a palavra que há pouco queria lhes dizer, a palavra precisa que há pouco eu chamava de autorizada, sancionada. Permitir é homologar. Identificamos o mesmo ao mesmo. Dizemos: é isso! Substituímos este ninguém ao qual está dirigido este sintoma, na medida em que está na via do reconhecimento do desejo, desconhecemos sempre também até um certo grau o desejo que quer se fazer reconhecer, na medida em que sempre lhe assinalamos o objeto na medida em que não é um objeto, é desejo, mas é desejo desta falta que, no outro, designa um outro desejo.

Isto nos introduz ao segundo capítulo, se quiserem, a uma segunda linha daquilo que lhes proponho aqui, nestas três fórmulas, isto é, ao capítulo da demanda.

Penso que a maneira pela qual abordo estas coisas e as retomo, isto é, a maneira pela qual tento, para vocês, mostrar a originalidade do desejo de que se trata a cada instante na análise, não está na supervisão que podemos fazer em nome de uma idéia mais ou menos teórica da maturação de cada um. Penso que vocês devem começar a entender que se falo da instância da palavra ou da letra no inconsciente, certamente não é para eliminar este algo irreduzível, informulável, nem é para preferir o método da descoberta que possamos dar, que é o desejo. Faço simplesmente esta ressalva que, até agora, os filósofos parecem não ter verificado; eu o digo, a propósito de uma observação, que alguém, muito mal inspirado na ocasião, pensou dever fazer recentemente sobre o fato de que certos psicanalistas, como se houvessem muitos, davam demasiada importância à linguagem, em comparação com este famoso informulado do qual não sei por que certos filósofos fizeram um dos casos de sua propriedade pessoal.

Dizemos que ao contrário desta fórmula que consistia nesta personagem que eu qualificava de muito mal inspirada, o que é o mínimo de meu pensamento, e que fazia observar que a fórmula talvez não estivesse informulável, eu lhes responderei isto, que ele faria melhor em prestar atenção, em vez de implicar todo mundo em suas *querelas de boutique*. É numa perspectiva inversa: não é uma razão porque uma coisa não é articulável, a saber, o desejo para que não seja articulada. Quero dizer, em si mesmo, o desejo está articulado na medida em que está ligado à presença do significante no homem, e isto não quer dizer justamente porque se trata essencialmente desse laço com o significante. Não é motivo, longe disso, é até a razão pela qual num caso particular, ele nunca está articulável plenamente.

Voltemos agora a este segundo capítulo que é o da demanda.

Aí estamos no articulado articulável, no atualmente articulado. É desta ligação entre o desejo e a demanda que se trata, e não chegaremos hoje ao fim deste discurso, mas na próxima vez. Quero, entre estes dois termos, do desejo e da demanda, e dos paradoxos que há pouco designamos neste desejo como sendo essencialmente desejo mascarado, lhes mostrar como isto se articula certamente, necessariamente na demanda, e é precisamente porque só podemos abordá-lo pela via de alguma demanda, desde que o paciente nos aborda e vem a nós. É para nos pedir algo, e estamos indo já enormemente longe no engajamento, na precisão da situação, dizendo-lhe simplesmente: estamos escutando-o.

16 de abril de 1958

Então convém repartir sobre o que se pode chamar de as premissas da demanda, sobre o que faz demanda sobre demanda, sobre o que faz a situação da demanda sobre a maneira pela qual se engaja no interior de uma vida individual.

Aqui é preciso voltar ao que o institui no início. Não vou refazer a dialética do “.....”. A demanda está ligada primeiro e antes de mais nada a este algo que está nas próprias premissas da linguagem, a saber, na existência de um apelo que é ao mesmo tempo princípio da presença e termo que permite repeli-la, jogo da presença e da ausência, e que faz da primeira articulação pela qual o objeto é chamado, o algo pelo qual ele já é mais do que um objeto símbolo, que se torna o que o desejo da presença faz dele, não como se diz, um objeto. A dialética primeira não é do objeto parcial da mãe-seio, ou da mãe-alimentação, ou da mãe-objeto total, como se se tratasse de uma espécie de conquista feita aos poucos. A criança de peito se apercebe que o seio se prolonga em axilas, em pescoço e em cabeleira, o objeto de que se trata é o parêntese simbólico desta presença no interior da qual há o total de todos os objetos que ela pode trazer, que faz com que este parêntese simbólico seja desde já mais precioso que nenhum bem, e que um dos bens que ele contém não pode, em si e por si só, satisfazer ao que é o apelo da presença, que, como o exprimi já várias vezes, nenhum destes bens em particular pode servir, e eventualmente só serve para esmagar, se assim se pode dizer, o princípio deste apelo, a saber, que a criança se alimenta, talvez, e começa a dormir. Naquele momento evidentemente não se trata mais de apelo. Todas as relações a um objeto qualquer, parcial como se diz, no interior da presença materna, não estão aqui senão substituídos. Esmagamento do desejo, não satisfações como tais, e isto, a saber, o caráter principal desta simbolização aqui deste objeto na medida em que é o objeto do apelo, está desde já marcado pelo fato de que nós também temos lido, mas, como sempre, não sabemos sempre tirar as conseqüências daquilo que lemos, que desde já, no objeto, no objeto de que se trata, no objeto da presença, a dimensão da máscara aparece.

O que nosso bom amigo, o Sr. Spitz nos traz, a não ser isso? É que primeiro é reconhecida esta espécie de frontal direto, esta armação, esta máscara e o caráter de além que caracteriza esta presença, enquanto simbolizada, a saber, de busca além desta presença, na medida em que ela está mascarada, sintomatizada, simbolizada. É esse além que a criança nos deseja em seu comportamento, que ela tem as dimensões dele, pois basta - já falei a outro propósito, do caráter muito peculiar da reação da criança diante da máscara, quero dizer, o jogo com uma criança, eu o já disse, o desabrochamento que lhe dá o fato de tirar a máscara e este caráter particularmente ansioso do que ocorre se, sob esta máscara, aparece outra máscara, pois aí ela não ri mais. Mas nem é preciso se entregar a estes pequenos exercícios. Basta observar uma criança para se aperceber que, tendo a palavra, a comunicação, a primeira comunicação, é preciso nunca ter observado uma criança em seu desenvolvimento nos primeiros meses para não se aperceber que a primeira comunicação, na qualidade verdadeiramente de comunicação, isto é, comunicação com o além do que você é diante dela, como presença simbolizada, é o riso. Antes de toda e qualquer palavra, a criança ri. Ela ri quando o riso, evidentemente, está ligado ao sorriso e ao relacionamento. E todo o mecanismo fisiológico do riso está sempre ligado a uma certa satisfação. Falaram deste desenho do sorriso da criança saciada, mas quando a criança ri, ela ri numa certa relação com sua satisfação do desejo, evidentemente, mas após e além desta satisfação, na medida em que ela está ainda acordada, e que está além desta presença, na medida em que é capaz de satisfazê-la, que ela contém em si o acordo a seu desejo, que o riso se produz e que a presença familiar, a presença a que está acostumada e que conhece, que pode satisfazer a seus desejos em sua diversidade, é aí chamada, apreendida, reconhecida neste

16 de abril de 1958

mundo tão específico, tão especial são, na criança antes da palavra, que estes primeiros risos na presença de certas presenças que cuidam dela, que a alimentam, que lhe respondem.

O riso, aliás, responde tão bem a estes jogos maternos que são os primeiros exercícios nos quais lhe é trazida a modulação, a articulação como tal. O riso, na medida em que justamente está ligado ao que lhes chamei durante todas estas articulações das conferências deste ano, do *dito espiritual*, é o além do imediato, o além de toda e qualquer demanda. O desejo, na medida em que é propriamente falando, um significante, na ocasião o significante da presença, está além desta presença ao sujeito aí atrás, a que se dirigem os primeiros risos, e encontramos aí, desde este momento, desde a origem, se assim se pode dizer, a raiz da identificação, pois a identificação, na medida em que se fará sucessivamente no decurso do desenvolvimento da criança com tal ou tal, com a mãe primeiro, com o pai depois, e não digo que isto esgota a questão, mas que encontramos aí uma raiz, a identificação é exatamente o correlativo desse riso, pois o oposto do riso não é o choro. Este evidentemente, não é o choro. O choro exprime a cólica, a necessidade; o choro não é uma comunicação, é uma expressão. Mas o riso, na medida em que sou forçado a articular por que, é uma comunicação.

Em compensação, o que é que corresponde ao oposto do riso? Em que medida o riso constata, comunica, se dirige àquele que além desta presença significada, é a mola, o recurso do prazer, a identificação? É o contrário; fica-se *como um papa*, não se ri mais; faz-se de conta, porque aquele que está aqui faz por um certo momento uma cara de pau, porque provavelmente não está na hora de rir, não está na hora de rir porque provavelmente naquele momento as necessidades não precisam ser satisfeitas. O desejo, como se diz, se modela sobre aquele que detém o poder de satisfazê-lo, que opõe a resistência da realidade como se diz, que talvez não seja completamente o que se diz que ela é, mas que certamente se apresenta aqui sob uma certa forma. E para dizer tudo isso, desde já nesta dialética da demanda, segundo meu velho esquema, vemos se produzir aquilo de que se trata quando vem aqui a bom porto, a saber, além da máscara, encontrar aqui, não a satisfação, mas sim a mensagem desta presença pela maneira através da qual o sujeito acusa que efetivamente tem em sua frente a fonte de todos os bens. Aqui certamente estoura o riso, e o processo também não precisa continuar mais adiante.

Mas ele pode ir mais longe porque a cara se mostrou de pau, a demanda foi negada, e então, como lhes disse, o que está na origem desta necessidade e desejo, aparece aqui sob uma forma transformada. A cara de pau se transferiu no circuito para vir aqui? Aliás, num lugar no qual não é por nada que encontramos a imagem do outro, e que aqui é a transformação da demanda que se chama o *ideal do eu*, enquanto que, efetivamente na linha significante, o princípio, o lugar se anuncia, daquilo que se chama interdição e *sobre-eu* [*surmoi*], daquilo que se articula como tal vindo do outro.

Todas as dificuldades que a teoria analítica sempre tem para conciliar a existência, a coexistência, a codimensionalidade do *ideal do eu* e do *sobre-eu*, mas certamente eles respondem a formações e produções diferentes. Bastaria fazer esta distinção essencial que há entre a necessidade e a palavra que a pede, para entender como estes dois produtos podem ser ao mesmo tempo codimensionais e diferentes. É na linha da articulação significante, a saber, da interdição, que o *sobre-eu* se formula, mesmo sob suas formas mais primitivas, enquanto que é na linha da transformação do desejo, na medida em que o desejo está sempre ligado a uma certa máscara que se produz o *ideal do eu*.

16 de abril de 1958

Em outras palavras, o laço, na demanda, da satisfação com a máscara de sua oposição, que faz com que a máscara se constitua na insatisfação, e por intermédio da demanda que nega, é o ponto até onde queria levá-los hoje. Mas então, o que resultaria disso? É que, em suma, haveria tantas máscaras quanto formas de insatisfação.

Sim, é assim que as coisas se apresentam e vocês poderão se guiar sobre isso, com certeza, na dimensão psicológica que se desenrola, que se desdobra a partir da frustração que está tão viva em certos sujeitos. Vocês poderão notar em suas declarações, esta espécie de relação entre a insatisfação e a máscara que faria com que, até certo grau, houvessem tantas máscaras quanto insatisfações. Esta pluralidade das relações do sujeito ao outro, segundo a diversidade de suas insatisfações, é algo que coloca um problema, e pode-se dizer que até um certo ponto, ela faria de toda e qualquer personalidade um mosaico, uma espécie de mosaico movediço de identificações e eu diria que é precisamente na intervenção da terceira dimensão, aquela que deixarei de lado hoje, que reservo para a próxima vez, aquela que é introduzida, não como se diz, pela maturação genital, nem pelo dom, nem pela oblatividade, nem por outras bobagens moralizantes que têm características totalmente secundárias na questão, mas em algo de que diremos que intervém efetivamente a partir de um certo momento: um desejo. Um desejo que não é necessidade, mas que é *Eros*, que não é *auto-erótica*, mas como se diz, *alo-erótica*, pois são exatamente as maneiras de dizer a mesma coisa.

Mas não basta dizer isso, pois, na verdade, não basta esta maturação genital para fazer remanejamentos subjetivos que vão ser remanejamentos decisivos, que vão nos permitir apreender o elo entre o desejo e a máscara. Veremos na próxima vez, esta característica, esta condição essencial que liga um significante privilegiado, prevalente, que chamamos, não por acaso, mas porque concretamente ele é este significante, a saber, o falo, esta etapa, e veremos paradoxalmente que precisamente é nesta etapa que ao mesmo tempo se realiza este algo que permite ao sujeito se reencontrar como um através da diversidade destas máscaras, mas por outro lado o faz fundamentalmente dividido, fundamentalmente marcado por uma *Spaltung* essencial entre aquilo que nele é desejo e aquilo que é máscara.